



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Michel Foucault e o estatuto da loucura no discurso filosófico

Carla Larissa Almeida Dias

Seropédica
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Carla Larissa Almeida Dias

Michel Foucault e o estatuto da loucura no discurso filosófico

Monografia apresentada como exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Celso Pinho (DEFIL/UFRRJ).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Celso Pinho (DEFIL/UFRRJ) – Orientador.

Prof. Doutorando Felipe Figueiredo de Campos Ribeiro (IFCS/UFRJ).

Prof. Dr. Edson Peixoto de Resende Filho (DEFIL/UFRRJ).

Seropédica
2014

Dedico este trabalho ao responsável pelo meu despertar filosófico e amor à sabedoria; o professor que me fez querer ser professora, que me mostrou caminhos e possibilidades na construção da educação, que despertou em mim profunda admiração e apreço: Mestre Marilon Cunha Oliveira.
A você, todo meu carinho, respeito e gratidão!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço Àquele que muitos filósofos duvidaram da existência; que Aristóteles chamou de Primeiro Motor; que foi defendido por célebres pensadores como Kant, Descartes, Agostinho; que eu ousou chamar DEUS, Àquele que me concedeu a vida, a inteligência e a capacidade de duvidar, questionar e ao longo da minha vida me deu inúmeras provas de Sua existência, por meio da minha fé. À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pelo ambiente agradável e propício ao desenvolvimento intelectual.

Ao meu orientador Professor Doutor Luiz Celso Pinho, pelo incentivo, paciência, carinho e amizade. Todas as palavras do mundo serão insuficientes para expressar minha gratidão.

À todo corpo docente do curso de Licenciatura em Filosofia, pela dedicação e empenho em transmitir o conhecimento. Em especial, ao professor Doutor José Nicolao Julião, que num dos momentos mais difíceis da minha vida acadêmica me deu as palavras de incentivo e força para que eu não desistisse; professor Doutor Pedro Hussak Van Velthen Ramos, pelo prazer em dividir o conhecimento, pelo carinho, por ser a pessoa que é; professor Doutor Walter Valdevino Oliveira Silva, por sempre estar disposto a ajudar, pela imensa paciência e por todo conhecimento transmitido.

À meus pais Carlos e Rosimeri, pelo amor a mim dedicado, por confiarem e acreditarem em mim mesmo quando nem mesmo eu podia fazer. Minha irmã Patricia, pela paciência, por aturar minha irritação, muitas noites com as luzes acesas, fazendo barulho durante a madrugada estudando, e pelo seu amor. Se vocês não acreditassem em mim, eu não conseguiria. Obrigada por tudo!

Aos meus colegas de curso, que dividiram comigo as dores e as alegrias dessa escolha. Em especial aqueles que se tornaram amigos queridos: Adão Amorim, Érick Costa, Grazyelle Adão Sabadin, Geraldo Miguel Gonçalves Filhos (in memoria), Nathália Bernardo de Paula Vianna e Robson Duarte. Vocês tornaram a caminhada mais leve e mais gostosa!

Às ilustres moradoras do alojamento estudantil F5-502, com quem dividi alguns anos e com quem aprendi a ser uma pessoa melhor: Analine Molinário, Bruna Pereira, Grazielle Balieiro Marques, Mayara Teixeira, Nathália Bernardo de Paula Vianna, Tayline Rezende. A convivência em muitos momentos foi difícil, mas em tantos outros a dor das dificuldades, dos problemas e das tristezas só foi aliviada pela presença e carinho de vocês. Muito obrigada, mesmo!

Aos meus melhores amigos, que sempre acreditaram em mim, que me apoiaram em todas as minhas escolhas, que foram decisivos nas horas de dúvidas, que suportaram minha irritação, estresse e indelicadeza com muita paciência e um amor que só mesmo a amizade é capaz de proporcionar: Alessandro Uelson, Grazi Balieiro, Raíssa Alexandre, Vanessa Araújo e Wilson Manso. A amizade e a lealdade residem numa identidade de almas raramente encontrada. (Epicuro)

À todos os familiares, amigos da família, professores e pessoas que direta ou indiretamente contribuíram e torceram por essa conquista. É muito bom se sentir amada! Obrigada!

Ao amor da minha vida, Matheus Nogueira, que chegou ao final dessa caminhada, com sua tranquilidade e amor, transformando os momentos mais tensos e difíceis em esperança, sonho, alegria. Muito obrigada pela paciência, por perdoar minha ausência em tantos momentos, por me incentivar, cuidar e acreditar em mim, por trazer serenidade e alegria mesmo em meio a toda turbulência da vida. Te amo!

RESUMO

O presente trabalho visa analisar *A história da loucura na idade clássica* de Michel Foucault. Mais exatamente o embate entre loucura e razão na história do pensamento ocidental a partir da caracterização e comparação de três épocas e pensamentos distintos.

Vamos apresentar a dialética entre razão e loucura, presente no Renascimento; a desqualificação da loucura no pensamento cartesiano; e a valorização da loucura, como sabedoria trágica, apoiada no pensamento nietzschiano.

Palavras-chave: Foucault, loucura, razão, Renascimento, Idade Clássica, Modernidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze Michel Foucault's *The History of Madness in the Classical Age* in order to explain the reason-madness clash in the history of Western thought, featuring three seasons and different thoughts.

We will show the dialectic between reason and madness, present in the Renaissance; the disqualification of the madness in Cartesian thought; and the valuation of madness, as tragic wisdom, supported in Nietzsche's thought.

Keywords: Foucault, madness, reason, Renaissance, Classical Age, Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 7
1- RENASCIMENTO: SABEDORIA E LOUCURA.....	p. 9
2- PERÍODO CLÁSSICO: O PENSAMENTO CARTESIANO E A DESQUALIFICAÇÃO DA LOUCURA.....	p. 15
3- A VALORIZAÇÃO DA SABEDORIA TRÁGICA NA MODERNIDADE	p. 20
CONCLUSÃO.....	p. 24
REFERÊNCIAS.....	p. 27

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar a Tese de Doutorado de Michel Foucault *História da loucura na época clássica*, originalmente publicada em 1961. Nessa obra registramos a mudança dos pontos de vista da sociedade ocidental sobre a loucura ao longo dos séculos e percebemos uma descontinuidade das teorias sobre loucura e das práticas que dizem respeito ao louco.

Iniciamos nossa pesquisa estudando a maneira como a loucura é percebida no Renascimento, onde o antigo temor causado pela lepra e doenças venéreas foi substituído pelo fenômeno complexo da Loucura.

Nessa época, os loucos eram colocados em barcos, chamados Nau dos Loucos, e levados para cidades distantes. Não há uma percepção propriamente homogênea acerca da loucura. É nesse sentido que no mundo das artes ela se torna um tema central. Ela esconde traz consigo segredos e mistérios de uma sabedoria que precisam ser desvendada.

Desse modo, no primeiro capítulo vamos elucidar o tipo de sabedoria que a loucura representa no Renascimento, notadamente em Erasmo de Rotterdam.

Porém, essa ideia de loucura foi substituída por uma experiência limite na Era Clássica. Os desarrazoados eram considerados uma ameaça à moral da época e, por isso, foram excluídos do convívio social. Trancá-los em locais destinados somente para o isolamento era uma forma de mantê-los sobre controle e sem ameaçar a paz e os valores da época.

Essa nova maneira de enxergar e tratar o louco foi fundamentada no *Cogito* cartesiano. No pensamento de Descartes, a loucura representa a impossibilidade para um sistema de proposições claras e evidentes. O louco já não fala a verdade do mundo e não é o dono de toda racionalidade.

A Época Clássica marca a descontinuidade da maneira de ver a loucura em relação ao Renascimento, onde o diálogo dá lugar à exclusão.

Portanto, no segundo capítulo, pretende-se abordar a desqualificação da loucura no período clássico a partir do pensamento cartesiano.

As investigações de Foucault culminam na Modernidade, onde a influência nietzschiana é muito forte. A loucura é pensada a partir da arte, como expressão trágica da vida, que rompe com a racionalidade moderna justamente por não se ajustar a ela. Ela se expressa na arte, como possibilidade de rompimento, que se

revela como acontecimento da sociedade.

Assim, no terceiro capítulo, queremos destacar a valorização da sabedoria trágica na filosofia nietzschiana na era moderna.

Buscamos, ao longo desta monografia, caracterizar três épocas e pensamentos bem distintos a fim de estabelecer comparações e uma análise crítica. Acreditamos que a questão levantada por Foucault é de extrema relevância para compreensão do ser humano em sua totalidade.

Portanto, pretendemos mostrar, a partir da arqueologia foucaultiana, que ao longo da história do pensamento ocidental não há uma postura constante na racionalidade filosófica em relação à experiência trágica da loucura.

1- RENASCIMENTO: SABEDORIA E LOUCURA

Ao final da Idade Média, a lepra, considerada a encarnação do mal, desapareceu do mundo ocidental. Entretanto, deixou uma enorme quantidade de lugares vazios (os antigos leprosários) que eram vistos como o lugar da salvação através da própria exclusão.

O temor causado pela lepra, inicialmente, foi substituída pela ameaça das doenças venéreas.

Sob a influência do modo de internamento, tal como ele se constituiu no século XVII, que a doença venérea se isolou, numa certa medida, de seu contexto médico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão. De fato, a verdadeira herança da lepra não é aí que deve ser buscada, mas sim num fenômeno bastante complexo, do qual a medicina demorará a se apropriar (FOUCAULT, 1978, p. 12).

O fenômeno complexo a que Foucault se referia era a Loucura. E não demorou para que ela fosse denominada e se tornasse “esse novo espantalho, que sucede à lepra nos medos seculares” (FOUCAULT, 1978, p. 12).

Os loucos, assim como os leprosos e os acometidos de doenças venéreas, eram a representação da parte excluída da sociedade e não podiam ficar visíveis às outras pessoas, precisavam desaparecer. Assim, surgiram as Naus dos Loucos, embarcações, sob a supervisão de marinheiros, que tinha por objetivo tirar os loucos de suas cidades e levar para outras. “Um objeto novo acaba de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária da Renascença: e nele, logo ocupará lugar privilegiado: é a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos” (FOUCAULT, 1978, p. 13).

Deste modo, na Renascença, os loucos eram colocados em barcos e levados para outras cidades, que não as suas. Os marinheiros atracavam e os deixavam em cidades distantes. “Os loucos tinham então uma existência facilmente errante” (FOUCAULT, 1978, p. 13). Os moradores os expulsavam das cidades. Muitas vezes eram “confiados a grupos de mercadores e peregrinos” (FOUCAULT, 1978, p. 13) que os levavam para rotas comerciais e os deixavam ali. Quando, por ventura, eram acolhidos pela cidade, eram levados a hospitais que funcionavam como uma espécie de prisão.

Não é fácil levantar o sentido exato desse costume. Seria possível

pensar que se trata de uma medida geral de expurgo que as municipalidades fazem incidir sobre os loucos em estado de vagabundagem; hipótese que por si só não dá conta dos fatos, pois certos loucos, antes mesmo que se construam casas especiais para eles, são recebidos nos hospitais e tratados como loucos (FOUCAULT, 1978, p. 14).

Em algumas cidades, observou-se um grande número de insanos, e percebeu-se que eles não eram cidadãos locais, mas trazidos de outras partes. Algumas cidades até aceitavam cuidar de seus loucos, mas apenas daqueles nativos. Observou-se até o recebimento de donativos em favor deles em alguns lugares. Entretanto, eles cuidavam apenas dos seus, e os outros eram expulsos. Nesse contexto, surgiu assim a peregrinação, muitas vezes organizadas pelas cidades ou pelos hospitais.

“E é possível que essas naus de loucos, que assombram a imaginação de toda a primeira parte da Renascença, tenham sido naus de peregrinação, navios altamente simbólicos de insanos em busca da razão” (FOUCAULT, 1978, p. 14).

Entregar os loucos aos marinheiros era uma maneira de evitar que eles ficassem vagando pelas cidades e estar certo de que eles estariam bem longe. Era “torná-los prisioneiros de sua própria partida” (FOUCAULT, 1978, p. 16). A água, por sua vez, “acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica” (FOUCAULT, 1978, p. 16).

Nesse sentido, o louco se torna um *prisioneiro livre*. “Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada” (FOUCAULT, 1978, p. 16).

Segundo Foucault, a união entre água e loucura

simboliza toda uma inquietude, soerguida subitamente no horizonte da cultura europeia, por volta do fim da Idade Média. A loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade: ameaça e irrisão, vertiginoso desatino do mundo e medíocre ridículo dos homens (1978, p. 18).

A loucura, nesse momento, assume o tema principal no mundo das artes. O louco assume um papel cada vez mais importante no teatro, pois se torna o de detentor da verdade. “Igualmente na literatura erudita, a Loucura está em ação, no âmago mesmo da razão e da verdade” (FOUCAULT, 1978, p. 19).

Até o meado do século XV, a morte é o tema principal.

O fim do homem, o fim dos tempos assume o rosto das pestes e das guerras. O que domina a existência humana é este fim e esta ordem à qual ninguém escapa. A presença que é uma ameaça no interior do mesmo mundo é uma presença desencarnada. E eis que nos últimos anos do século esta grande inquietude gira sobre si mesma: o desatino da loucura substitui a morte e a seriedade que a acompanha (FOUCAULT, 1978, p. 20).

Então, a loucura substitui o tema da morte, mas não como um rompimento, apenas como uma

virada no interior da mesma inquietude. (...) Agora, os elementos inverteram-se. Não é mais o fim dos tempos e do mundo que mostrará retrospectivamente que os homens eram loucos por não se preocuparem com isso; é a ascensão da loucura, sua surda invasão, que indica que o mundo está próximo de sua derradeira catástrofe; é a demência dos homens que a invoca e a torna necessária (FOUCAULT, 1978, p. 21).

Não há, na Renascença, entretanto, uma homogeneidade acerca da loucura. A loucura representada sob as diferentes formas de arte, esconde um saber que precisa ser desvendado, cheio de segredos e mistério.

A Idade Média tinha atribuído um lugar à loucura na hierarquia dos vícios. (...) Na Renascença, a Loucura abandona esse lugar modesto, passando a ocupar o primeiro posto. (...) A Loucura, agora, conduz o coro alegre de todas as fraquezas humanas (FOUCAULT, 1978, p. 27-28).

Podemos entender a loucura como um propósito de Deus, uma vivência sobrenatural, personificação da morte, algo inumano. Contrariamente, também foi comparada à sabedoria.

Entre as duas formas de experiências da loucura, a distância não mais deixará de aumentar. As figuras da visão cósmica e os movimentos da reflexão moral, o elemento *trágico* e o elemento *crítico* irão doravante separar-se cada vez mais, abrindo, uma unidade profunda da loucura, um vazio que não mais será preenchido. De um lado haverá a Nau dos Loucos cheia de rostos furiosos que aos poucos mergulha na noite do mundo, entre paisagens que falam da estranha alquimia dos saberes, das surdas ameaças da bestialidade do fim dos tempos. Do outro lado, haverá uma Nau dos loucos que constitui, para os prudentes, a Odisseia exemplar e didática dos defeitos humanos (FOUCAULT, 1978, p. 32).

De um lado, a loucura é apresentada pelos olhos das artes plásticas. Artistas

como Bosch, Brueghel, Thierry Bouts, Dürer apresentam o elemento trágico da loucura.

É no espaço da pura visão que a loucura desenvolve seus poderes. Fantasma e ameaças, puras aparências do sonho e destino secreto do homem – a loucura tem, nesses elementos, uma força primitiva de revelação: revelação de que o onírico é real, de que a delgada superfície da ilusão se abre sobre uma profundidade irrecusável, e que o brilho instantâneo da imagem deixa o mundo às voltas com figuras inquietantes que se eternizam em suas noites (FOUCAULT, 1978, p. 33).

A loucura é justificada como um discurso de *consciência crítica do homem* sob o olhar de Brant e Erasmo, entre outros expoentes da tradição humanista.

A loucura é considerada no universo do discurso (...) Pode ser que todos os homens estejam submetidos a ela, mas seu império será sempre mesquinho e relativo, pois ela se revela em sua medíocre verdade aos olhos do sábio. Para este, ela se torna objeto, e do pior modo, pois se torna objeto de seu riso. Por essa razão, os louros que se tecem sobre sua cabeça o aprisionam. Mesmo que seja mais sábia que toda ciência, terá de inclinar-se diante da sabedoria para quem ela é loucura. Ela pode ter a última palavra, mas não é nunca a última palavra da verdade e do mundo (FOUCAULT, 1978, p. 33).

Esse conflito entre a experiência trágica e a consciência crítica com o tempo perde força. A concepção de loucura vista como consciência crítica passou a dominar por ser uma “experiência onde o homem era confrontado com a sua verdade moral com as regras próprias à sua natureza e à sua verdade” (FOUCAULT, 1978, p. 33).

Desse modo, a loucura passa a integrar o campo da razão. Na medida em que se manifesta, toma ciência de si mesma.

Segundo Machado,

no Renascimento, em geral vigora uma hospitalidade para com a loucura, que liga a todas as experiências importantes da época, às grandes forças trágicas do mundo (...). Foucault também detecta um incipiente controle da loucura presente nessa época através de uma crítica moral que a situa como miragem, sonho, ilusão. É o momento de Erasmo e Montaigne, em que uma consciência crítica subordina uma experiência trágica do homem no mundo, a saber que já privilegia a verdade e a moral. Para Erasmo, por exemplo, a loucura faz o homem aceitar o erro como verdade, a mentira como realidade, a violência como justiça, a feiura como beleza (MACHADO, 2005, p. 28-29).

O pensador Erasmo de Rotterdam utiliza como artifício literário a

personificação da Loucura, pretende, assim, criticar essa visão de loucura e racionalidade proveniente da Escolástica. A razão é usada para fundamentar suas críticas e ideias. O autor ironiza a presunção na maneira em que o homem julga a sua própria importância, projetando uma ideia de realidade sob essa ilusão.

No pensamento do filósofo, a Loucura aparece como norteadora das atitudes humanas, sob os aspectos positivo e negativo. No aspecto positivo, ela aparece como sábia, que privilegia a simplicidade, a caridade autêntica, a proximidade de Cristo. Trata-se de uma Loucura que conduz as paixões para o Bem, permitindo um bom convívio social e um aprimoramento moral.

Em seu aspecto negativo, a Loucura aparece em seu sentido depreciativo, que justifica as guerras e também a maneira como a Igreja procede em relação aos que ela considera hereges ou endemoniados.

Na obra *Elogio a loucura*, Erasmo, alicerçado em seu conhecimento da mitologia grega, descreve os sentimentos humanos como parte de uma valiosa atuação da loucura na vida dos privilegiados da sociedade. O conceito de está ligado à paixão, algo de maior que nos move. Ela está ligada ao homem e às suas fraquezas, sonhos e decepções. É uma forma que o homem mantém de se relacionar consigo mesmo.

Erasmo critica

o artifício, o abandono do natural. O esquecimento da razão conduziria a uma vida natural. Portanto, entende que a loucura (...) não é apresentada como doença mental e nem ausência de sabedoria e, sim, produto do esquecimento (SOUZA, 2005, p. 6).

Para o autor, a fé cristã não era apenas uma doutrina abstrata, mas uma prática concreta, cuja essência seria uma o amor a Deus e ao próximo, vivido de maneira simples e modesta, a fim de que desde o alto clérigo até o mais simples leigo pudesse segui-la. Ele acreditava que a imitação de Cristo levava o homem a um aperfeiçoamento moral.

A loucura, *Moria* “não significava apenas loucura, absurdo, ignorância, mas também impulso, instinto, emoção e simplicidade, contra a razão, o cálculo, o intelecto. Toda raça humana deve sua existência a loucura” (SOUZA, 2005, p. 7).

O louco, aqui, aparece como aquela figura que despreza a tradição cristã e se envolve num contato místico com a figura divina. Desse modo, o caminho que conduz a Deus é o caminho da simplicidade, do contato com a natureza. A razão

não aparece como um elemento de “cura” para a loucura. Trata-se de um atributo divino dado ao homem, voltado ao sobrenatural, que o torna semelhante ao divino.

Para Foucault, a loucura apresentada por Erasmo aparece como punição cômica do saber e de sua presunção ignorante. O tema da loucura teria sido, então, apresentado por Erasmo, como grande vazio da razão. Acredito ter prevalecido em Erasmo, forte discurso contra o excesso de artificialidade do mundo e a necessidade do contato com Cristo (SOUZA, 2005, p. 7).

A loucura seria, então, um caminho para a sabedoria. A razão ocupa um lugar intermediário na construção da subjetividade no pensamento do filósofo, apresenta-se, neste sentido, como “uma lembrança para o exercício diário da fé, da imitação de Cristo, de uma vida misticamente marcada pela comunhão com a natureza” (SOUZA, 2005, p. 10).

Desse modo, é possível inferir que Erasmo nos apresenta dois tipos de loucura: uma sábia e outra louca. A “loucura sábia” conduz as paixões para o bem. Ela está ligada ao amor, amizade, prazer e a simplicidade do Cristo encarnado que anuncia a felicidade da alma fora do corpo, a felicidade do homem fora de si. Por outro lado, a “loucura louca”, permanece dotada de seu sentido depreciativo.

Nesse sentido, Foucault apresenta a sabedoria representada pela loucura na Renascença, principalmente através do pensamento de Erasmo de Rotterdam, que através da literatura e de forma irônica nos mostra que loucura faz parte da natureza humana.

2- PERÍODO CLÁSSICO: O PENSAMENTO CARTESIANO E A DESQUALIFICAÇÃO DA LOUCURA

No período renascentista, a loucura foi vista como a expressão de uma experiência trágica. A figura do louco desvela no mundo aquilo que as pessoas não veem. Tratava-se de uma “loucura realista”. Entretanto, essa concepção de loucura foi sendo abandonada ainda no final do Renascimento, dando origem a conceitos do período clássico e moderno, propiciando um aspecto crítico relacionado a uma percepção trágica. A loucura torna-se uma experiência limite.

Na Idade Clássica, a loucura sofreu um “estranho golpe de força” (FOUCAULT, 1978, p. 52) e foi silenciada com a instauração e generalização do internamento. Doentes venéreos, libertinos, insensatos, e uma lista enorme de pessoas que ameaçavam a moral da época, foram todos confinados.

Tratava-se de uma medida que visava manter a “ordem” nas cidades, não era uma decisão médica ou de saúde pública. As detenções aconteciam com a finalidade inibir o ócio. O internamento era útil por manter ocupadas pessoas ociosas, que serviam de mão de obra barata. Na “era clássica e pela primeira vez, a loucura foi percebida através de uma condenação ética da ociosidade e numa imanência social garantida pela comunidade de trabalho” (FOUCAULT, 1978, p. 83). Desta forma, como resultado da censura moral do ócio, o trabalho nos internatos tinha um caráter ético.

Derivado de espírito e da classe burguesa, este aspecto moral da loucura tomou força, amparado por um sistema legal e instrumentos de coerção. A conotação empregada à pobreza e aos valores colaborou para que à loucura fosse atribuída a aceitação de reclusão, e consequentemente, exclusão. A detenção era a manifestação da eliminação de tudo o que significasse “não-razão”. A loucura está situada fora da regra social, econômica e moral: justificativa clara e essencial para a exclusão. “Na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade” (FOUCAULT, 1978, p. 89).

A percepção do louco como uma nova descoberta aconteceu simultânea a mudanças econômicas e políticas e a práticas sociais. Nesse momento, é possível observar o advento de um novo saber. Consolida-se, então, outra prática da loucura:

o Grande Enclausuramento. Tratava-se de tirar do meio da sociedade todos aqueles que não tinham utilidade para nela, priorizando a importância do trabalho e seus valores éticos.

Estranha superfície, a que comporta as medidas de internamento. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da loucura (FOUCAULT, 1978, p. 116).

No período clássico, o conceito de loucura passa de *reconhecimento* à *conhecimento* dela porque nem sempre ela foi pensada como um problema. Na Antiguidade grega, o “desvairado” era visto como alguém capaz de se comunicar com as divindades. A loucura não era entendida como uma questão moral. A partir do século XVII, é que ela assume esse papel, e começa a caminhar no sentido oposto de ostentar a verdade. De um lado, uma loucura totalmente objetivada, e por outro, severamente excluída.

Ela, durante o período Clássico, foi banida e emudecida pela emergente sociedade burguesa preocupada em organizar o mundo do ócio, desemprego e miséria que ameaçavam a ordem instituída, fundamentado em motivos políticos, sociais, religiosos, econômicos e morais. A tentativa era de expulsar a loucura para evitar a convivência com ela. “O internamento tornou-se um amálgama abusivo de elementos heterogêneos” (FOUCAULT, 1978, p. 63). Isto é, a explicação do internamento clássico é essa nova sensibilidade social da Europa, organizada e definida por prerrogativas morais da razão, que inibem a ociosidade e a miséria de uma população desordenada e dessemelhante exatamente por essa nova postura da sociedade.

“Ao inventar, na geometria imaginária de sua moral, o espaço do internamento, a época clássica acabava de encontrar ao mesmo tempo uma pátria e um lugar de redenção comuns aos pecados contra a carne e às faltas contra a razão” (FOUCAULT, 1978, p. 98). Trava-se assim, pela primeira vez, do embate entre Razão e Desrazão, onde a loucura é representada pela obscuridade e o racionalismo clássico é entendido através da verdade e da clareza.

O conceito de Desrazão aponta uma denúncia moral que representa a liberdade do período barroco para sua subordinação e submissão à razão clássica.

A dialética da reciprocidade dá lugar a uma relação de dependência e domínio. Desse modo, desrazão – ou loucura – é um produto social, fruto de práticas políticas e econômicas que excluíram o louco da sociedade.

No século XVII, a loucura é apresentada por Foucault através do pensamento de Descartes e é tomada por um significado negativo. Ela representa o reverso da razão.

No caminho da dúvida, Descartes encontra a loucura ao lado do sonho e de todas as formas de erro. Será que essa possibilidade de ser louco não faz com que ele corra o risco de ver-se despojado da posse de seu próprio corpo, assim como o mundo exterior pode refugiar-se no erro, ou a consciência adormecer no sonho? (FOUCAULT, 1978, p. 52).

A loucura, os erros provocados pelos sentidos e a eventualidade dos sonhos são analisados no *Cogito* cartesiano. No entanto, são regidos por conceitos diferentes. Os enganos provocados pelos sentidos e o a eventualidade dos sonhos geram dúvidas sobre determinadas convicções. Por outro lado, permite concluir que o processo da dúvida nos leva a um aprofundamento, buscando uma etapa seguinte, na medida em que, a cada passo, encontra-se uma conclusão que subsiste.

No entanto, a hipótese da loucura é diferente: “Não é a permanência de uma verdade que garante o pensamento contra a loucura, assim como ela lhe permitiria desligar-se de um erro ou emergir de um sonho; é uma impossibilidade de ser louco, essencial não ao objeto do pensamento, mas ao sujeito que pensa” (FOUCAULT, 1978, p. 53).

Deste modo, os sonhos e as ilusões não eram impedimento para a verdade, enquanto a loucura seria um impedimento para o indivíduo pensante, na medida em que não o deixa pensar nem ser. Aquele que pensa não pode ser louco. A loucura representa uma forma contrária à razão.

Não é a permanência de uma verdade que garante o pensamento contra a loucura, assim como ela lhe permitiria desligar-se de um erro ou emergir de um sonho; é uma impossibilidade de ser louco, essencial não ao objeto do pensamento, mas ao sujeito que pensa (FOUCAULT, 1978, p. 53).

Desde Descartes, uma nova maneira de pensar a verdade é estabelecida, própria ao indivíduo apto para a verdade, que independe de um processo de

mudança de si mesmo. Isso significa um sujeito naturalmente capaz de acessar a verdade, conhecer discursos verdadeiros que ajudem a resolver os conflitos do mundo das paixões.

A partir da experiência da dúvida cartesiana, a loucura tornou-se um obstáculo para o sujeito pensante.

O percurso da dúvida cartesiana parece testemunhar que no século XVII esse perigo está conjurado e que a loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade: domínio este que, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura está exilada. Se o homem pode sempre ser louco, o pensamento, como exercício de soberania de um sujeito que se atribui o dever de perceber o verdadeiro, não pode ser insensato. Traça-se uma linha divisória que logo tornará impossível a experiência, tão familiar à Renascença, de uma *Razão irrazoável*, de um *razoável Desatino* (FOUCAULT, 1978, p. 54, grifos nossos).

No *Cogito* cartesiano, o filósofo abandona a confiança nos sentidos como forma de adquirir um conhecimento fundamentado e verdadeiro. Ele usa o argumento do erro (dos sentidos) e o da ilusão (dos sonhos) como condutores nesse caminho da dúvida. A verdade objetiva das coisas que a razão coloca em dúvida é recuperada através do *Cogito*.

O argumento do erro dos sentidos revela que os sentidos podem nos enganar. Não é prudente confiar em quem já nos enganou ao menos uma vez, logo é sensato confiarmos nossa aprovação aos dados sensíveis. Através do sonho o sujeito coloca-se a meditar, à medida que o sonho pode acontecer, há mobilidade no processo da dúvida.

A loucura, por sua vez, atrapalha a compreensão de discursos e de pensamentos significativos sobre nosso próprio corpo e outros corpos, e se torna um dos maiores problemas do projeto cartesiano de fundação de um sistema de proposições certas e evidentes.

A impossibilidade de chegar ao conhecimento verdadeiro das coisas nos é dada pelos sentidos, pela falta de direção do espírito e não pelo pensamento. Desse modo, loucura e razão se excluem, pois, se sou louco, não penso e não existo, e se penso e existo, não sou louco. A loucura não se aplica à razão, mas ao caminho da dúvida. Se duvido, não sou louco. “No percurso da dúvida, é possível desde logo pôr de lado a loucura, pois a dúvida, na própria medida em que é metódica, é envolvida por essa vontade de despertar que, a todo momento, é um desgrudar voluntário das

complacências da loucura” (FOUCAULT, 1978, p. 54). O sujeito que realiza o *Cogito*, não pode ser louco; nenhum louco conseguiria chegar à hipótese do Gênio Maligno.

O racionalismo do período clássico desqualifica a loucura como ausência de verdade, erro. Ela é uma condição de impossibilidade para o pensamento, pois é excluída pelo sujeito que duvida.

No período clássico, a razão é inerente à desrazão. Entretanto, há um conflito infinito entre o pensamento e a loucura, que resulta em sua restrição ao silêncio. A loucura é eliminada do pensamento, uma vez que desqualifica o sujeito meditador, impedindo que o processo se realize.

Por ter se desenvolvido num espaço moral, a razão clássica pode ser traduzida pela exclusão da sociedade observada no Grande Enclausuramento, reflexo da exclusão da loucura do pensamento.

A Época Clássica é fortemente influenciada pelo pensamento cartesiano, o que marca a uma descontinuidade da maneira de ver a loucura em relação ao Renascimento. Na Renascença, uma crítica moral como ilusão; no Classicismo, o racionalismo vai desqualificá-la como erro e excluí-la da ordem da razão.

A partir de Descartes, há uma mudança. Os tomados pela razão e os acometidos pela desrazão são incompatíveis e estão condenados a viverem distantes e não mais se encontrarem.

Há, entretanto, uma possibilidade de um novo discurso sobre a loucura, numa concepção de loucura como criação artística, que será observado na Era Moderna.

3- A VALORIZAÇÃO DA SABEDORIA TRÁGICA NA MODERNIDADE

As investigações de Foucault culminam na discussão sobre o que vem a ser a experiência moderna da loucura. Sua tese é de que ela deve ser entendida como uma variação da faculdade humana de pensar. No entanto, do ponto de vista da psiquiatria, e de um ambiente social marcadamente excludente, o louco é “entendido” como alienado.

A experiência moderna da loucura vê o louco não mais como o desarrazoado, mas agora como o alienado, isto é, como um produto da relação entre homem e mundo, no qual sua patologia o distancia de si mesmo e aliena a sua natureza. A alienação passa a configurar a essência mesma da loucura, sua mais própria especificidade (HADOCK-LOBO, 2008, p. 69).

Foucault considera que racionalidade científica está incapacitada de entender como uma realidade essencial, mais verdadeira. E mesmo a cultura moderna ainda está em continuidade ao longo processo de desqualificação.

Se a loucura para o mundo moderno tem um sentido diferente daquele que a faz ser noite diante do dia da verdade; se, na parte mais secreta da linguagem que ela tem, o que está em jogo é a verdade do homem, uma verdade que lhe é anterior, que a constitui, mas que pode suprimi-la, esta verdade só se abre ao homem no desastre da loucura (FOUCAULT, 1978, p. 574).

Com isso, percebemos o quanto o autor é profundamente influenciado pelo pensamento nietzschiano, no sentido em que a razão teria mascarado e dominado a experiência trágica originária.

Segundo Pinho, o “contato com o Nietzsche de *O nascimento da tragédia*, cuja principal hipótese é que a história da civilização oriental está marcada pelo embate entre uma experiência trágica e uma consciência racional no qual a vitória – provisória, sem dúvida, pois não houve aniquilação e sim silenciamento – coube a esta última” (2011, p. 24). Assim, a razão teria ocultado a essência da loucura, visto que a mesma poderia ameaçar a ordem da razão.

O nascimento da tragédia é uma crítica à modernidade, à supervalorização do conhecimento racional. Conforme assinala Marins, “é o ‘socratismo’, com seu ‘otimismo lógico’, que dá origem ao ‘homem teórico’: aquele que privilegia apenas um *único* e *infalível* modo de conhecer, só denominando conhecimento aquele que derivar da mente lógico-racional” (2008, p. 129-130).

Aliás, o próprio Nietzsche manifesta um otimismo em relação à possibilidade de resgatar uma sabedoria trágica arcaica:

O objetivo final de *O nascimento da tragédia*, dito em poucas palavras, é denunciar a modernidade como civilização socrática, racional, por seu espírito científico ilimitado, por sua vontade absoluta de verdade, e saudar o renascimento de uma experiência trágica do mundo em algumas das realizações artísticas filosóficas e artísticas da própria modernidade (MACHADO, 2005, p. 25).

Foucault adota o conceito nietzschiano de niilismo da modernidade, seguindo a ideia de que *O nascimento da tragédia* declara a modernidade como uma civilização socrática, racional, dotada de uma ânsia por verdade e espírito científico limitados. Se, por um lado, há uma crítica ao niilismo da modernidade; por outro, há uma aclamação à reaparição da experiência trágica do mundo contempladas em realizações artísticas e filosóficas próprias da modernidade.

Cairo afirma que

Foucault resgata em *a História da loucura* a partir do que ele chamou de experiência trágica da loucura, uma experiência trágica da razão, análoga à experiência plural, mas ainda não cindida, entre o apolíneo e o dionisíaco. É essa estrutura trágica e primeira, antecedente à história da razão, que Foucault quis resgatar arqueologicamente, de tal modo a permitir à loucura a sua assinatura (2014, p. 51).

De acordo com Macedo, “identificamos no texto foucaultiano dois eixos a partir dos quais o problema da loucura enquanto experiência trágica se inscreve: enquanto *transgressão*, e enquanto *experiência de linguagem*” (2012, p. 1).

Foucault não aprova a linguagem que faz razão e loucura se excluírem. O filósofo utiliza-se de uma linguagem transgressiva em sua crítica, extraída da filosofia nietzschiana.

A expressão transgressão está ligada à experiência de pensamento, presente na linguagem literária, e que ultrapassa as experiências limite e de oposição.

Macedo afirma que “a experiência de transgressão eleva-se, para Foucault, a uma categoria do pensamento: ‘talvez um dia ela pareça tão decisiva para nossa cultura, tão oculta em seu solo quanto o fora outrora, para o pensamento dialético, a experiência da contradição’. A contradição está para a dialética, assim como a experiência do limite está para a transgressão” (2012, p. 1).

Foucault procura criar uma continuidade da experiência trágica do mundo grego, relacionando-a a criações artísticas e filosóficas da modernidade de homens

que um dia foram considerados loucos, como Raymond Roussel, Nerval, Artaud e Nietzsche. Tais obras têm tamanha relevância por resistirem ao aprisionamento moral da razão sobre a loucura.

A noção de experiência trágica permite que o homem vivencie, através da arte, o lado sombrio e cruel da vida, e sobreviver a ele. Assim, a arte trágica dionisíaca seria uma forma de acentuar a autêntica alegria de viver. Contudo, essa experiência trágica ou foi controlada pela subordinação da criação artística à compreensão teórica.

Para Nietzsche, a história do mundo ocidental é a negação da tragédia, entendida como experiência trágica da vida, capaz de intensificar e alegrar a própria vida. Para Foucault, é a história do vínculo da racionalidade moderna, um extenso período de dominação em que a loucura foi tomada como objeto ciência e perdeu seu poder de uma verdade originária da experiência trágica.

Parece-nos que Nietzsche empreendeu em *O Nascimento da Tragédia* aquilo mesmo que pretendeu Foucault com sua *História da loucura*. A ideia de um luta ou contraste entre o apolíneo e o dionisíaco, entre a razão e a desrazão que em permanente contradição fazem nascer o trágico, depende de uma espécie de condição caótica. Não se trata de uma guerra dialética, mas de um encontro e emergência de dois diferentes processos (CAIRO, 2014. p. 57).

A *História da loucura* é um livro carregado de influência nietzschiana, que trata a relação entre loucura e razão, através uma análise trágica da vida. É possível situar a racionalidade sobre a loucura num processo de controle, cada vez mais eficaz, realizado pela razão. “Foucault nos ajudou a pensar no regime trágico da loucura desde que o desrazoável não faz nexos ou não gera comportamentos permanentes e estáveis” (CAIRO, 2014. p. 53).

Foucault conclui que entre o período renascentista e a Época Clássica aconteceu o nascimento do *ratio*, a razão clássica que vigora até a Modernidade.

Trata-se de uma

“experiência trágica da loucura”, pensada como um valor positivo capaz de avaliar as teorias e práticas históricas sobre a loucura; para isso procurou, como é dito no prefácio, “reencontrar, na história, o grau zero de história da loucura, onde ela é experiência indiferenciada, experiência ainda não separada pela própria separação” (MACHADO, 2005, p. 24).

Tal experiência permite contemplar a loucura como uma prática dominada pela razão. O discurso racional é ameaçado por essa tentativa e pretende negá-la.

Foucault trata a loucura como uma força desorganizadora que ameaça alterar todo o existente. Refere-se ao infinito, cerne caótico, atemporal de onde as formas nascem e vão se perder um dia. Trata-se de um encontro com o sublime do pensamento, de contemplar o infinito que o pensamento carrega em si próprio.

No sentido trágico, a loucura, não pertence à razão. É, dessa maneira, uma experiência de fundo infinito no qual se abisma toda obra da razão.

A partir dessa concepção de experiência trágica, permite pensar numa separação entre razão e loucura que define a identidade de uma sociedade:

a loucura é objeto de exclusão social e objetivação teórica, ela pôde se expressar em sua própria linguagem através da obra de criadores trágicos como Nietzsche, Van Gogh, Nerval, Hölderlin e Artaud, para quem a verdadeira experiência artística ou literária passaria por um certo enlouquecimento, pelo risco da loucura (MACEDO, 2012, p. 3).

Sendo assim, só é possível romper com a racionalidade moderna, incutida na mentalidade do homem ocidental, através da loucura, expressa aqui pela manifestação artística e literária. A arte, não se ajusta à racionalidade, ela transcende o aprisionamento científico e da linguagem.

A partir de Foucault vemos que nem mesmo a ciência, dotada de toda sua racionalidade, conseguiu silenciar de vez as vozes da loucura.

Só há loucura como instante último da obra esta a empurra indefinidamente para seus confins; *ali onde há obra, não há loucura*; e no entanto a loucura é contemporânea da obra, dado que ela inaugura o tempo de sua verdade. No instante em que, juntas, nascem e se realizam a obra e a loucura, tem-se o começo do tempo em que o mundo se vê determinado por essa obra e responsável por aquilo que existe diante dela (FOUCAULT, 1978, p. 584).

Na Era Clássica a loucura deixa de ser apreciada e é excluída e silenciada, por ser considerada uma linguagem inútil. Na Modernidade, no entanto, ela reaparece como a possibilidade de transgressão, podendo falar a partir de seu silêncio, a partir da própria obra. Ela volta a se expressar como acontecimento social, estético e cotidiano na sociedade.

Logo, segundo Foucault, há na Era Moderna, a valorização da sabedoria trágica refletida na obra nietzschiana.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por intuito analisar a obra *História da loucura na época clássica* de Michel Foucault e refletir sobre a relação razão-loucura na cultura ocidental. Caracterizamos três épocas e pensamentos bem distintos – Renascimento, Época Clássica e Modernidade – a fim de estabelecer comparações e realizar uma análise comparativa dos mesmos.

Inicialmente, nos detivemos no século XVI (Renascimento), onde se pode detectar uma dialética entre razão e loucura. Em seguida, nos detivemos na desqualificação cartesiana do discurso do louco. Finalmente, abordamos a valorização da sabedoria trágica na filosofia nietzschiana na era moderna a partir de *O nascimento da tragédia*.

Os questionamentos foucaultianos sobre o estatuto da loucura em diferentes épocas permitem repensar a atividade filosófica na atualidade na medida em que abordam um momento “originário”. Daí ele se perguntar: “que é o louco, portador de sua enigmática loucura, entre os homens de razão, entre esses homens de razão de um século XVIII ainda em suas origens?” (FOUCAULT, 1978, p. 196).

Foucault analisou os mecanismos pelos quais a loucura foi instituída como uma categoria específica de comportamento humano, que resultou na legitimação da distinção e separação das pessoas como normais e anormais, sãs ou insanas e sua segregação social.

Segundo Roberto Machado, *História da loucura*

é uma crítica da razão: uma análise de seus limites, das fronteiras que estabelece e desloca, excluindo o que ameaça sua ordem, sem jamais questionar radicalmente a criação dessas fronteiras. Mas, além disso, esse deslocamento descontínuo de fronteiras é processo orientado: se dá no sentido de uma crescente subordinação da loucura à razão (MACHADO, 2005, p. 15-52).

Foucault registra a transformação dos pontos de vista da sociedade ocidental sobre a doença mental ao longo dos séculos e percebe uma descontinuidade das teorias sobre loucura e das práticas que dizem respeito ao louco.

Na Antiguidade, a questão era associada a conotações místicas; acreditava-se que os indivíduos acometidos pela loucura, eram abençoados pelos deuses ou que estavam em contato direto com o Divino.

A partir do Iluminismo, a doença mental deixa de ser simplesmente uma

doença integrada a outras doenças e passa a ser uma categoria psiquiátrica, e consequentemente os hospícios, que na opinião do autor, não tinham como objetivo cuidar da doença mental, mas manter os indivíduos trancados para estudo e observação. Em suma, Foucault salienta as dificuldades, resistências ou obstáculos que o conhecimento da loucura encontra para se integrar na racionalidade médica clássica (MACHADO, 2005, p. 15-52).

Foucault também afirma que o espírito criativo e o limbo lunático não estão distantes, e que muitos considerados lunáticos são, na verdade, visionários e dissidentes sociais:

A natureza da loucura é ao mesmo tempo sua útil sabedoria; sua razão de ser consiste em aproximar-se tão perto da razão, ser-lhe tão consubstancial que formarão, ambas, um texto indissolúvel, onde só se pode decifrar a finalidade da natureza: é preciso a loucura do amor para conservar a espécie; são precisos os delírios da ambição para a boa ordem dos corpos políticos; é preciso a avidez insensata para criar riquezas (FOUCAULT, 1978. p. 197-198).

A tese mais importante de *História da loucura na idade clássica* é a independência, a estranheza, a cisão na Época Clássica, dos níveis das teorias sobre loucura e das práticas com relação aos loucos.

A questão tratada por Foucault ainda nos dias de hoje se faz importante e relevante para compreensão da evolução do pensamento humano no que tange à desrazão.

Se, ao longo da história do pensamento ocidental, não há uma postura constante na racionalidade filosófica em relação à experiência trágica da loucura, é porque a percepção da sociedade em relação a ela foi se transformando ao longo dos anos, sendo moldadas para atender aos interesses da sociedade de cada época.

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra (Foucault, 1978, p. 35).

No Renascimento era vista como uma forma de ilusão, onde era possível o diálogo com a esfera racional. Embora houvesse um método de exclusão, a existência do louco era admitida.

Na Era Clássica, onde foi considerada “desrazão” e foi excluída da sociedade. Houve uma ruptura, controlada pela sociedade, que considera o louco à margem dela, moralmente pervertido, socialmente perigoso, incapaz de produzir. Era uma ameaça à sociedade e até os outros marginalizados, mas não-loucos.

Na Modernidade, a “alienação” configurava autonomia e por isso é valorizada. A experiência da loucura acontece a partir da instauração da própria noção de obra. A arte, então, revela-se equivalente ao delírio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAIRO, C.B. A tragédia da arte bruta e a embriaguez da loucura. In: **Foucault e Nietzsche: o discurso da tragédia** [livro eletrônico]. Organização de Cecília Barros-Cairo e Nilton Milanez. Vitória da Conquista/BA: Labedisco, 2014. 85p.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978. 608p.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. **O que é loucura**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 107p.
- LOBO. Rafael Haddock. **História da loucura de Michel foucault como uma “história do outro”**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/download/4458/3367> Acesso em 1 jul. 2014.
- MACEDO, L. F. **A experiência trágica da loucura em Michel Foucault**. Disponível em: http://ebp.org.br/wpcontent/uploads/2012/08/Luciola_Freitas_de_Macedo_A_experiencia_tragica_da_loucura_em_Michel_Foucault1.pdf Acesso em: 1 dez. 2014.
- MARINS, I. C. M. Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, v. 1, n. 2, p. 124-141, 2º semestre de 2008.
- MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 213p.
- PINHO, L. C. A psicologia no tribunal da verdade. **Mente, Cérebro e Filosofia – Foucault**. 2a. ed. rev. São Paulo: Duetto Editorial, 2011, p. 22-29.
- SOUZA, J. F. R. **A loucura na Renascença: análise comparativa das obras de Erasmo e Bruegel, na perspectiva de Foucault**. Perspectivas, Campo de Goytacazes, v.4, n.7, p.19-29, 2005. Disponível em: http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/revista_antiga/article/view/216/153 Acesso em: 1 ago. 2014.